

## FH faz país olhar além do umbigo

**C**obrar de Fernando Henrique Cardoso resultados imediatos e concretos a cada uma de suas viagens ao exterior é não conseguir entender absolutamente nada a respeito do está por trás dos constantes giros internacionais que o presidente inaugurou junto com o governo e que manterá até o final. É mais que um estilo.

Trata-se de um projeto muito bem delineado de levar o Brasil a assumir a liderança não do Terceiro Mundo, mas da América do Sul, com parcerias em todos os continentes sem exceção. Sair do quartinho dos fundos, para frequentar a sala principal sem inibições nem constrangimentos típicos dos que se sentem inferiores. Daí o desejo de participar do Conselho de Segurança da ONU. É uma questão de peso e visibilidade internacional.

Fernando Henrique joga em várias frentes. Na primeira, recupera o tempo perdido sob governos que embarcavam na tendência isolacionista brasileira de desenvolvimento voltado para dentro e uma visão tão auto-suficiente quanto caipira de que a um país bastam um território enorme, a ilusão de que um dia o gigante acordará e que charme, veneno e malandragem tornam um povo por si só superior aos gringos desprovidos de ginga nos quadris.

Uma besteira enorme que faz o brasileiro reagir indignado quando, em viagens ao exterior, percebe que as sociedades nada conhecem sobre nós e os jornais de seus países pouca ou nenhuma importância dão ao que acontece por aqui. Reação de mão dupla pois, se comparado ao interesse que países de língua espanhola da América do Sul têm um pelo outro, o Brasil ignora o que se passa aqui ao lado.

E aí aparece a segunda frente em que ataca Fernando Henrique: a disputa com a Argentina pela liderança no continente. O Itamarati não gosta nem de ouvir falar no assunto. O embaixador brasileiro em Buenos Aires, Marcos Azambuja, reagiu contra uma notícia publicada no jornal *Gazeta Mercantil*, segunda a qual Carlos Menem estaria numa estratégia mundial de lutar pela liderança às vezes com referências negativas ao Brasil.

Negar que isso aconteça é função oficial da chancelaria. Mas o relato desses fatos surgiu de importante embaixador brasileiro, cuja tese é confirmada pelo Palácio do Planalto. "Todos os lugares por que passa Fernando Henrique, ou Menem já passou ou vai passar", diz um interlocutor frequente do presidente. Isso quer dizer que não só é preciso correr, como também usar de muita habilidade para que, sem criar atritos com as tradicionalmente delicadas relações com a Argentina, o Brasil mostre ao mundo suas possibilidades.

Nem sempre o circuito internacional escolhido por Fernando Henrique faz sentido a olho nu. A viagem para a Índia era encarada com má vontade até mesmo por ministros importantes do governo. Reservaram-se todos para acompanhar o presidente ao Japão em março, que desde já está sendo considerada a grande viagem presidencial em termos de resultados de negócios. Pode ser.

Mas com a viagem à Índia o presidente integrou mais uma peça ao périplo asiático que começou na China e Malásia e termina com o Japão. Ora, se ainda ninguém tivesse notado o que significa aquela parte do mundo para o futuro da humanidade, governantes e empresários agora reunidos em Davos, na Suíça, no 26º Fórum Econômico Mundial, se encarregaram de explicar.

De lá saiu a conclusão de que a Ásia será "a sensação econômica" até a virada do século. Foi feita uma votação entre os participantes do fórum para saber que países apresentariam o maior crescimento econômico até o ano 2000. Deu China em primeiro, Japão em segundo, Coreia do Sul e outros "tigres" em seguida e, só então, Estados Unidos e América do Sul. Índia não faz parte dessa nata econômica, mas politicamente é fundamental que se volte para cá. São 900 milhões de pessoas e uma classe média do tamanho do Brasil — 150 milhões.

São razões objetivas que justificam plenamente a política de expandir horizontes e recuperar relações antigas que, por conta do comportamento de casca de noz que nos norteou durante anos, foram ficando desgastadas. É o caso da França. Fernando Henrique viaja para lá em maio com o objetivo definido de arrumar uma parceria que ao longo da década de 80 veio minguando.

Aproveita a mesma viagem para um pulo em Istambul, na Turquia, onde estará sendo realizada a conferência mundial do *Habitat*. O Brasil será estrela, afinal temos aqui uma cidade citada mundialmente como exemplo de solução positiva de urbanismo. Curitiba, que no ano passado inclusive sediou a conferência prévia do *Habitat*. Aqui não damos a devida importância a essas questões — com a desculpa de que problemas mais graves, como a fome e a miséria, se abatem sobre nós.

Pode ser que com a presença do presidente lá, o Brasil venha a prestar mais atenção no que significam boas soluções de urbanidade. Nesse mesmo périplo o presidente inclui Lisboa, onde assinará um acordo entre países de língua portuguesa, uma reafirmação de identidade.

Antes disso, no carnaval, Fernando Henrique vai ao México, país de inequívoca importância no lado norte da América. Por menos que faça por lá, muito melhor fará do que se deixar fotografar na Marquês de Sapucaí. Onde, como já se viu, tudo pode acontecer.

---

**Um país não vive só de tamanho, charme e ginga nos quadris. Tem de romper o isolamento**

---